

Em busca da identidade religiosa nos Candomblés e na Umbanda: uma experiência de trânsito religioso entre jovens negros em Salvador-BA¹

Mossi Kuami Anoumou, UFBA/BAHIA

Palavras-chave: Identidade negra, Religiões de matriz africana, Ancestralidade.

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada durante o mestrado em antropologia em 2021 e que continua atualmente no doutorado. É um estudo etnográfico que busca compreender a trajetória e a experiência de pertencimento e da construção identitária dos jovens negros do “Sarau da Onça” nos Candomblés e na Umbanda. A identidade é o processo pelo qual um indivíduo ou um grupo se caracteriza e se autodefine. É a consciência de que o indivíduo ou o grupo, ao qual pertence, se afirma. Ao buscar sua identidade religiosa afro, os jovens do Sarau tiveram que sair do espaço religioso católica para adentrarem nas religiosas de matriz africana. São tratados neste presente artigo, as diversas motivações que levam hoje em dia, os (as) jovens negros/as a adentrarem nas religiões de matriz africana.

1. Sussuarana:

O bairro de Sussuarana limita-se, ao norte, com o bairro Pau da Lima; ao sul, pelo Tancredo Neves, ao leste, pelo Centro Administrativo da Bahia e, ao oeste, pelo bairro de Mata Escura. No Novo Horizonte encontra-se o Centro de Pastoral Afro Pe. Heitor (CENPAH). A Grande Sussuarana é uma área formada pelos bairros: Sussuarana Velha, Nova Sussuarana e Novo Horizonte. O bairro tem uma população de 53.967 habitantes (IBGE, 2010). Para os (as) moradores (as) com mais tempo de residência na Sussuarana, essa divisão é o resultado do crescimento rápido que, no início da sua formação, chamava-se Jardim Guiomar. Afirmaram que Sussuarana era uma mata ou uma fazenda. Em uma entrevista, dona Maria de Amparo Silva, que chegou ao bairro em 28 de setembro de 1979, às 14h, disse que “[...] Jardim Guiomar era habitado por uma espécie de onça chamada Suçuarana ou onça-parda [...]” (informação verbal)². Essa história de onça foi transmitida de boca em boca até hoje. Na verdade, a história faz referência:

A um antigo trabalhador e morador da região, quando esta ainda era uma fazenda, uma pequena propriedade “rural” por assim dizer, chamado José

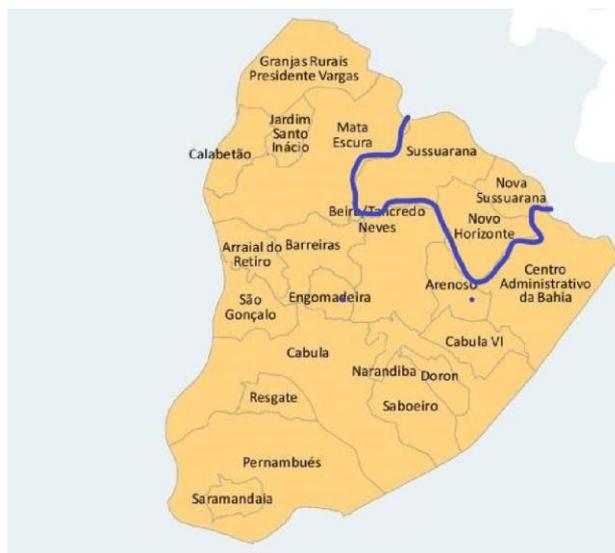
¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Informação dada por Maria do Amparo Silva em Sussuarana, em outubro de 2019.

Inocência, que, certa feita, caminhando pela mata em torno da fazenda, se deparou com uma onça suçuarana. Segundo a narrativa dos moradores, José Inocência matou a onça com um golpe certo de foice e a levou até a sede da fazenda, onde o animal foi cozido e consumido. (ALMEIDA, 2007, p. 18).

O nome atual de “Sussuarana” veio dessa onça.

Figura 1-Limites do bairro Sussuarana



Fonte: CONDER/INFORMS; 2016

Elaboração: Mossi Kuami Anoumou

2. O Sarau da Onça e a busca da identidade negra dentro do catolicismo

Soirée em francês ou sérum, em latim, a palavra sarau derivaria dessas duas línguas que têm a conotação de algo que acontece pela tarde. Segundo Michaelis (1998, p. 1897), o conceito sarau é o de “[...] uma reunião festiva, em casa particular, em clube ou teatro, em que se passa a noite dançando, jogando, tocando; ou reunião de pessoas amantes das letras, para recitação e audição de trabalhos em prosa ou verso [...]”. Começou também como uma manifestação cultural da elite, na forma de encontros e de apresentação de obras artísticas. Mas, com o tempo, o conceito foi apropriado e ressignificado por pessoas e grupos da periferia em diversas cidades, adaptando as suas formas. Enquanto a elite organizava o Sarau como banquete luxuoso, a periferia o fazia nos bares, deslocando também a pauta. Nesse processo de deslocamento, contudo, são mantidos o conceito de reunião (Sarau) e da arte. Durante os saraus nas periferias, são produzidos textos literários que tratam da realidade social, na qual vivem seus (suas) frequentadores (as). Realidade

de pobreza, de segregação, saúde, transporte e da violência que estigmatiza os bairros periféricos. Autores (as) como Tennina (2013), Silva (2008), DalCastagnè (2002) pesquisaram essa temática.

O Sarau da Onça neste sentido é um projeto de jovens negros periféricos que buscam sua visibilidade através da poesia. Acontece no Centro de Pastoral Afro Padre Heitor (CENPAH), no bairro de Sussuarana, em Salvador, promovido pelos missionários combonianos. Os encontros são alternados por diversas atividades artísticas, musicais e debates em torno da realidade vivida. Ao ritmo de som, os (as) jovens negros (as) expressam as suas preocupações com a realidade do bairro, da cidade e do país. São realidades de racismo, de discriminação, de desigualdade social, de violência policial e da falta de educação.

No início do projeto, os (as) participantes começaram a produzir obras literárias onde veiculam suas ideias e narram suas experiências de discriminação, racismo e rejeição no dia a dia. Nessas obras literárias empregam uma linguagem de resistência periférica, onde afirmam o “ego” negro. Conforme contam os membros do Sarau, a violência continuou marcando os bairros periféricos de Salvador. Os (as) jovens continuavam sendo mortos (as) violentamente e a mídia não parava de estigmatizar esses bairros como locais violentos de Salvador. A literatura produzida no Sarau faz alusão a essa violência. Assim, escreveu Sandro Sussuarana (2017, p. 26):

Os 13 da Vila Moisés, assassinados a bala
sem chance de questionar,
suas mães ainda choram e suas lágrimas nunca irão secar.
Posso ser mais um dos tantos ceifados diariamente,
taxados como bandidos, jamais inocentes!
Eu sou o 11 de setembro da quebrada sem comoção,
111 tiros pra interromper uma comemoração.
Um corpo a mais numa vala ou num camburão
eu posso ser todos eles, porque bandido no Brasil tem um padrão.
Eu sou a periferia estigmatizada pelo Estado,
que na sua Política de “guerra às drogas”
Só os pretos são condenados.
Na Sussuarana, no Cabula ou no Lobato
a justificativa é sempre a mesma para tantos assassinatos.

Como afirma o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, no Brasil, “[...] os jovens negros são assim, ainda mais do que os brancos, submetidos a um contexto social marcado por violências, como profundos impactos do seu cotidiano” (IPEA, 2009, p. 181). As discussões que deram origem ao Sarau da Onça levavam em conta esse quadro geral de violência e estigmatização dos (das) jovens negros (as) do bairro. Pensava-se que

uma ação ao redor da arte poderia contribuir para mudar a imagem que associava Sussuarana à violência e ao tráfico de drogas. Evanilson Alves dos Santos tem 30 anos e é conhecido na literatura como Evanilson Alves. Ele é poeta, músico, articulador de juventude, produtor cultural e um dos idealizadores do Sarau da Onça. Ele relata que o Sarau surgiu “[...] para fortalecer o nome do bairro, dar visibilidade aos grupos culturais, rebater essa ideia da mídia ‘irmão preto tombado no chão’ em Sussuarana e convidar a publicar as ações culturais do bairro” (informação verbal)³. Foi batizado “Sarau da Onça” para poder identificar a iniciativa com o bairro. Acreditava-se que o Sarau conseguiria modificar a visão que a mídia projeta sobre Sussuarana e outros bairros periféricos. O Sarau procurou mostrar que em Sussuarana tem cultura. Ainda segundo os fundadores, a iniciativa surgiu para mostrar que em Sussuarana e nas periferias, em geral, encontram-se não somente a violência, mas também poetas, músicos e escritores, embora todo esse potencial dos (das) jovens não chamasse a atenção da mídia como o fazia a violência. Outro tema que ganha relevância nesse fazer arte é a “africanidade”. Helen Adriane (2017, p. 22), escreve o poema denominado *Laço afrocultural*:

A essência da nossa arte dá voz à revolução
Resgata nossa história, fortalece nossa missão
Traz na alma a negritude que vem da periferia
Rompe com o preconceito que negro não faz poesia
Herdeiros de mãe África, primogênita na cultura
O poder que nos liberta é a voz do povo preto
Que ecoa das comunidades, das favelas e dos guetos
A realidade social é a verdadeira expressão da arte
A afrodescendência está na raiz que todos nós fazemos parte
A glória da afrocultura é resgatar a nossa identidade,
Pois no seio da Bahia pulsa africanidade
O laço afro nos sustenta, é base, é alicerce
a luta nos representa e a arte nos engrandece.
é o grito de união, e não há quem prove o contrário,
é a voz de uma geração, enaltecer a negritude é revolucionário.

O tema de “africanidade” fazia parte do trabalho de formação e de reflexão que acontecia na Pastoral Afro dentro da paróquia e é retomado nos poemas como expressão de um compromisso ao qual o coletivo do Sarau busca dar continuidade. A África é exaltada e valorizada com orgulho e remete a uma categoria que constitui o centro dos poemas: a identidade. Uma identidade que foi sendo construída com a reconstrução da história mal contada sobre o continente em relação à escravidão. Usar a arte para reconstruir essa

³ Informação oferecida por Evanilson Alves em Sussuarana, em outubro de 2020.

identidade é, na perspectiva dos participantes do Sarau, uma forma de resistência. Assim, escreveram Mano Jack e Poeta Noite (JESUS, 2018, p. 104).

Martin Luther King, Nelson Mandela,
Mahatma Gandhi, Maria Filipa,
Luiz Gama, Luiza Mahin, ZUMBI!!!!
São alguns dos guerreiros que podemos citar
Na história distorcida que querem camuflar.
Negros... Negras...
Que contribuíram para nossa humanidade
Mas a história é cruel,
não dá ênfase às nossas personalidades.
Não falam no Português,
esqueceram na Geografia,
na Literatura,
na Ciência, Matemática e Filosofia.
Mas o negro não é só dança e jogo de cintura.
O negro é muito mais...
o negro é cultura,
o negro é capoeira,
tamanha competência.
O negro é raiz,
a mais pura resistência.
O negro é a luta em busca da verdade
A África é o berço da humanidade
Eu sou negro, eu não sou pardo.
Sou bonito, inteligente e educado.
Meu cabelo é preto, crespo e enrolado
Negritude é poder, orgulho e respeito.
Eu sou a beleza descendente de africano,
eu sou negro... eu sou abençoado, sou baiano...

A maioria dos (as) participantes são jovens da paróquia São Daniel Comboni em Sussuarana. Muitos (Muitas) jovens do Sarau eram, ministros da Palavra e membros da Pastoral da Juventude (PJ), membros ativos na Igreja, animando as celebrações e vivendo a sua fé enquanto começavam a adquirir consciência das injustiças na sociedade. A foto a seguir mostra a participação de um grupo de jovens que exprimem o seu compromisso na busca por justiça social, mobilizando a sua comunidade em Sussuarana para denunciar o extermínio da juventude negra.

Figura 29 - Foto dos jovens da paróquia na marcha (2013).



Fonte: Facebook da paróquia

Ao passar o tempo, as afirmações sobre a identidade negra vão mudando o jeito deles de ser, de pensar, de falar e de vestir-se. A repetição das poesias de afirmação da pele escura e de resistência vai reconfigurando os (as) participantes para aceitarem o que são realmente: Negros. A nova resistência à discriminação é a afirmação da identidade negra como uma identidade autônoma, com seus privilégios e direitos iguais às outras identidades. Essa identidade vem sendo configurada entre os membros do grupo. Nessa formulação poético-identitária foi fortalecendo o vínculo ou laço com o continente negro. A reconstrução da história do povo negro começa com a desconstrução da história colonial que foi forjada para manter essa população submissa por meio de sua negação. A experiência coletiva do Sarau, que também possibilita acesso à informação e conhecimento, faz com que esses (essas) jovens procurem reescrever a própria história à sua maneira, passando a valorizar sua identidade negra por meio de sinais diacríticos como o penteado, os cabelos, as roupas coloridas, os turbantes, a própria literatura produzida e as religiões de matriz africana. Tais características realçam e marcam as distinções religiosas e culturais. Nesse sentido, Manoela da Cunha afirma: a “escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal depende dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem se opor, por definição, a outros de mesmo tipo.” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 238). Assim, os (as) participantes do Sarau vão demolindo velhos

conceitos para construir novos, em torno da africanidade, que reverbera na construção de nova identidade, nesse caso, a identidade negra. Munanga (2020a, p. 50) reitera que “[...] poetas, romancistas, etnólogos, filósofos, historiadores, etc. quiseram restituir à África o orgulho de seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado a sua personalidade”. A partir do contato que os (as) jovens do Sarau passaram a ter com a cultura ancestral, pude notar ambiguidades entre as identidades católica e africana, pois, como sugere Sanchis, tomaram consciência de que “[...] sua identidade católica e sua identidade africana ao mesmo tempo se confundem e se opõem” (SANCHIS, 2018, p.333). A “identificação com o afro” é realçada, não permitindo mais que esses (as) jovens aceitem outras identidades e símbolos que não contemplem ou rechacem os valores africanos. O resultado da demolição de “velhas perspectivas” encontra-se na construção ou na articulação de novas perspectivas baseadas no que Munanga (2020a) chama de “africanidade”. A construção das novas perspectivas conduz à construção de identidade, nesse caso, a identidade negra em torno da “africanidade”. Os (As) jovens do Sarau procuram, através da poesia, reafirmar essa identidade.

3. Da descoberta da identidade negra ao conflito dentro do catolicismo

Tendo a origem vinculada à Pastoral Afro, dentre os diversos desdobramentos acarretados pela descoberta de si mesmos (as) como negros (as), alguns (algumas) interlocutores (as) apontaram um conflito adicional: ser negro (a) na Igreja católica no Brasil. Ao mesmo tempo em que enfrentaram o problema de ser negro (a) no Brasil, encontraram, em seguida, o problema de ser negro (a) na Igreja. À luz da experiência negativa feita por alguns (algumas) jovens dentro do espaço religioso católico, pode-se afirmar que a descoberta da negritude parecia estar em dicotomia com as normas da Igreja Católica e colocava-se o novo desafio de saber como a identidade negra poderia ganhar corpo e cor também no espaço religioso. Esse questionamento veio porque o Projeto Sarau da Onça contribuiu para que vários jovens descobrissem e reconhecessem a sua identidade centrada nos valores africanos. A vivência desses valores na Igreja Católica em Sussuarana acarretou um conflito interno na comunidade cristã. Algumas pessoas opuseram-se a essa nova tendência de ser cristão. É que quando o grupo chegou a colocar os temas de identidade, cultura e religiões na pauta, sem esquecer, todavia os demais temas iniciais como violência, discriminação e racismo, começou a aparecer tensões e conflitos entre eles (elas) e alguns membros da paróquia, diante da descoberta da

identidade. Alguns (Algumas) jovens chegaram a considerar isso como uma rejeição de sua origem africana e da sua identidade. Essa rejeição dos traços diacríticos que os (as) jovens procuraram resgatar para definir a sua identidade foi uma das motivações do conflito. Essa foi a primeira motivação para as saídas. Sandro Sussuarana, em uma entrevista realizada em 2019, afirmou que a Igreja procura sempre impor o padrão europeu, enquanto os (as) jovens estavam querendo viver um padrão diferente, nesse caso, o africano. Assim relatou:

O uso de turbante e de tranças foi outro problema. São homens e mulheres obviamente negros que começaram a se identificarem a partir do Sarau e começaram a identificarem com as questões afro, não somente a questão da religião, mas as vestimentas, utilização de turbantes, penteados, tranças e afins foi vista pela igreja como uma certa afronta para com a doutrina da igreja que segue um padrão europeu e que as pessoas através do Sarau aprenderam a seguir um outro padrão que seria diferente do da Europa. Nós percebemos que isso foi uma forma de negação da nossa identidade e pior a igreja passou a nos demonizar principalmente a respeito da religião de matrizes africanas (informação verbal)⁴.

Esse novo padrão inclui os elementos diacríticos como tranças, turbante, vestimentas, penteados e alguns símbolos das religiões de matriz africana como danças, tambor, músicas... Como esse novo jeito de ser e de viver, a fé católica diverge das normas da Igreja, isso gerou conflito e acarretou a saída para outra experiência religiosa. Relato, em seguida, a experiência de Carol. Carol Xavier atendeu ao meu pedido e respondeu à entrevista, via plataforma *Zoom*. Ela tem hoje 25 anos e é mãe de uma filha; uma mulher negra periférica; mora em Sussuarana. É professora de dança afro infantil. Ela fez a mesma experiência conflitiva dentro da sua comunidade católica:

Padre, o senhor não imagina. Eu era catequista e fazia parte também da pastoral da juventude. Eu era feliz fazendo isso até o dia em que comecei a frequentar o Sarau da Onça. A partir desse momento, mudou a minha vida na igreja. É porque comecei a me amar do jeito que sou; comecei a amar a mim mesma – sabe padre? O Sarau me ajudou a ser eu mesma, a aceitar a minha negritude e assim comecei a deixar meus cabelos como o senhor tá vendo [...] agora e sou linda assim. Mas isso fez cair sobre mim uma grande perseguição dentro da Igreja e, aos poucos, perdia a felicidade que tinha ali. Eu fui me afastando e hoje estou no Candomblé, pois ali fui bem acolhida. Vou sempre, mas ainda senti desejo de voltar à Igreja. Quando meu filho nascer, vou batizá-lo com o senhor [...] (informação verbal)⁵.

Uma segunda motivação que possibilitou o trânsito religioso foi o conflito de gerações. Isso se deu pelo fato que somente os (as) jovens na paróquia passaram por essa

⁴ Informação apresentada por Sandro Ribeiro S. Sussuarana, em outubro de 2019.

⁵ Informação apresentada por Carol Xavier Sussuarana, em maio de 2019.

metamorfose identitária ocorrida no Sarau. Os (as) mais velhos (as) não entraram nessa onda de descoberta da identidade. Isso gerou um conflito por que, de um lado, houve divergência na forma de fazer algumas atividades das comunidades eclesiais. Do outro lado, houve uma preocupação dos (das) jovens de ocuparem espaços de liderança nas igrejas. Em outras palavras, enquanto o Sarau incentivava os (as) jovens a assumir compromissos, a se engajar em diversas atividades e a tomar iniciativas, os (as) mais velhos (as) se opunham, não aceitando o jeito de fazer dos (das) jovens. Sandro comenta a respeito:

Berna, um grande fator que contribuiu para que as pessoas, principalmente os jovens saíssem da igreja católica para as religiões de matrizes africanas é que ela (a igreja) não permitia que os jovens tivessem a autonomia de fazerem suas coisas. As políticas que ela pensava não incluíam os jovens. Esse era um fator. Outro fator foi de ela confrontar e dizer que os jovens não eram capazes de decidir sobre coisas, assim problematizar as coisas que queriam executar... Que os jovens não tinham capacidade de gerenciar atividades viu, isso fez com que os jovens se afastassem, porque, em contrapartida, com isso tinha o Sarau da Onça que estimulava os jovens e mostrava pra eles que eram tão capazes quanto as outras pessoas. Por esse motivo, esses jovens partiram da igreja católica para as religiões de matrizes africanas e também por conta do acolhimento que se tem nesses espaços religiosos, onde eles são ouvidos. E foi a Renovação Carismática que não permitia que esses jovens tivessem essa autonomia. Por isso que gerou esse conflito de dizer que a Pastoral Afro, por trabalhar as questões afro descendentes dentro do Evangelho, estava trazendo candomblé dentro da igreja. Por conta disso as missas inculturadas pararam de ser realizadas dentro da paróquia (informação verbal)⁶.

Sandro se referia, nessa entrevista, ao desejo de mudança de paradigma e passar da voz passiva para a voz ativa dos (das) jovens. Também o desejo de “inculturar o Evangelho” dentro dos valores e simbologia da “cultura afro”, com as danças, as músicas, as roupas... Ou seja, para os (as) jovens, era possível viver a fé católica e, ao mesmo tempo, adotar algumas práticas do que eles consideravam ser a cultura africana. Queriam dançar ao som do atabaque durante as missas. Nessas danças, encontravam-se “[...] os elementos africanos nelas presentes, como os ritmos, os passos, as letras das músicas, permeadas de palavras de origem africana, e símbolos que mesmo transformados, remetem às suas raízes” (DE MELLO, 2002, p. 141). Por isso, eles (elas) também aprendiam alguns cantos em línguas africanas como lingala, kinande, ewe, mina e suaíli. A necessidade de se apropriar e mostrar esses elementos cresceu de tal maneira que os (as) jovens não estavam mais dispostos a abrir mão deles. A “identificação com o afro” é realçada e não permite mais que esses (essas) jovens aceitem outras identidades e símbolos que não contemplam ou rechacem os valores africanos. Então, tomaram

⁶ Informação apresentada por Sandro Ribeiro S. Sussuarana, em outubro de 2019

consciência de que de sua crise identitária em relação com a fé cristã. Atraídos pelas religiões de matriz africana onde os valores afros são vividos, esses (essas) jovens adentraram à ditas religiões, nas quais vêm manifestando sua nova identidade. Alguns (algumas) permaneceram no catolicismo e ao mesmo tempo continuam frequentando todas as atividades do Sarau, propiciando novos pertencimentos, como sugere Pierre Sanchis: “pois o que se procura não é mais simplesmente, como em outras épocas recentes, a recuperação de traços perdidos de uma cultura, mas a afirmação de uma identidade, da qual essa cultura será eventual veículo e expressão” (SANCHIS, 2018, p. 322).

4. O chamado e a saída para as religiões de matriz africana

As religiões de matriz africana têm conquistado nesses últimos anos, um número elevado de jovens negros (as) que as consideram como preservadoras da cultura africana e construtoras da identidade religiosa baseada na cultura africana. A identidade é uma autoafirmação individual ou coletiva, que pode ter como objetivo a marca de diferença. Em outras palavras, a autodefinição começa, principalmente, quando um indivíduo ou grupo de pessoas encontra-se diante do outro que apresenta características diferentes. É essa tomada de consciência das diferenças entre nós e eles (elas) que cria ramificações ao conceito de identidade. Assiste-se aos conceitos como identidade cultural, racial, política religiosa... Essa última é a consciência de ser ligados aos valores e práticas das religiões de matriz africana. Chamo isso de “identidade religiosa afro”. Essas religiões possibilitam a ativação de referentes ontológicos que propiciam a produção de novas identidades, ao mesmo tempo religiosa, e que também reivindicam uma herança negra. A partir da “descoberta” da origem africana como mobilizador da identidade, os (as) participantes do Sarau não mediram esforços em buscar a identidade religiosa enraizada nas religiões de matriz africana. Eles (elas) se sentem atraídos, chamados e encantados pelo “banho de ervas e de cachoeira, o jogo divinatório, a beleza das roupas e dos rituais” (LÍSIAS, 2009, p. 111). Gostam de dançar ao som do batuque e de atabaque, instrumento usado geralmente na cultura africana, assim como apreciam ouvir sobre a ancestralidade, da maneira de curar as doenças com ervas, dos orixás, etc. O idealizador do grupo, Sandro Sussuarana, que hoje é adepto do Candomblé, afirma que ali está o lugar dele. Ele compara o tempo passado na Igreja Católica com a estadia do povo de Israel no Egito e o Candomblé com a Terra Prometida, da qual vivia longe. Afirma que foi pela leitura e

conhecimento que descobriu essa Terra. A partir dessa descoberta, nada o impediria de caminhar naturalmente rumo a esse lugar que sempre esteve reservado ao povo negro e ao povo do Axé. Em entrevista (7 de maio de 2021), dia em que o Sarau celebrava 10 anos de fundação, Sandro fez uma leitura da vida, cheia de sentimentos e conquistas, mas também de sofrimento advindo da sociedade e da Igreja que o formou e o incentivou a se encontrar na arte:

Assim como aconteceu no processo das pessoas se descobrirem quanto poetas ou artistas nesse espaço, a questão toda é que você acaba tendo acesso à informação, ao conhecimento. Outra questão era que muitas pessoas são de determinadas religiões, porque não conhecem a sua história, a história do seu povo, dos seus ancestrais. No caso do Sarau especificamente, foi muito mais à questão da identidade. E com a sua leitura do mundo e a partir do momento em que você tem acesso a muita informação: leitura de livros, assistir filmes, vídeos e você vai se identificando e isso vai acabando lhe puxando numa forma muito natural. Foi, pra mim, muito natural. Eu fui me percebendo enquanto ser político, enquanto a minha presença era mais politizada, a forma como eu uso o meu cabelo era politizada, a roupa que eu uso era politizada, o espaço que eu frequento era politizado, a forma que eu falo era politizado, e comecei a perceber que a religião é um ato político. Quanto que isso era importante que fosse afirmado, como que eu me sentia, o que é que essa religião de matrizes africanas sofreu ao longo desses anos e a forma como meu povo sofreu, eu sofri e venho sofrendo... A gente vai 'linkando' tudo isso, vai fazendo as associações como você se depara e você fala: Eu vim daqui, por que [que] estou aqui. Eu preciso estar aqui, eu preciso seguir essa trajetória, seguir esse caminho. A gente acaba indo nessa linha muito natural e se percebe e fala. Esse aqui é meu caminho, realmente é aqui que me sinto bem, aqui que consigo me reenergizar, entender, sentir... Quando você percebe isso, [a saída] é inevitável. Foi o que aconteceu com a gente. Eu digo que no processo de caminhar a gente encontrou a nossa religião⁷.

Gostaria de ressaltar o trecho: “Eu vim daqui [religiões de matriz africana], por que estou aqui [catolicismo]?”, pois aqui está a inflexão que possibilitou o trânsito religioso dos jovens do Sarau da onça. Chegaram, nas suas corridas de construção e afirmação de identidade negra, a um estranhamento de suas presenças dentro do catolicismo. Perceberam que esse espaço religioso constitui um empecilho às suas aspirações identitárias. Os terreiros deixam de oferecer uma experiência apenas de ordem religiosa, mas tornam-se museus onde encontram-se a cultura e espiritualidade centrada na ancestralidade. Pois ao sair para nesses novos espaços religiosos, a juventude negra denominada hoje de “juventude do axé”, vai buscar suas raízes espirituais na ancestralidade. Pode-se definir esse conceito de ancestralidade como o sentimento de pertencer aos (às) antepassados (as), de não estar só, mas ligado aos (às) ancestrais. No

⁷ Informação apresentada por Sandro Ribeiro S. Sussuarana, em outubro de 2019

processo de construção da identidade, a partir das poesias, os (as) jovens do Sarau foram levados (as) a fazer essa volta às raízes ancestrais, onde encontram força e vitalidade e exemplo para lidar com o racismo que continua oprimindo e construir sua identidade religiosa afro. Eduardo Oliveira a define como princípio que organiza e sustenta o candomblé. Concebe o conceito de ancestralidade como uma forma de opor-se ao sistema de opressão no Brasil. Fundamenta-se na experiência da cultura africana onde se alimenta e se revigora. Para esse autor, essa noção de ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Também Sanchis aponta essas convergências quando afirma: “no caminho da recuperação de sua identidade, depararam-se com as religiões dos seus ancestrais” (SANCHIS, 2018, p. 348).

Para Evanilson Alves reitera essa ideia dizendo foi unicamente no Candomblé que conseguiu conectar-se com a ancestralidade, depois de ter passado por várias denominações religiosas cristãs. Assim afirma:

A gente se encontra. Eu, por exemplo, até chegar no candomblé, conheci diversas religiões. Fui catequista na católica, fui para [a Igreja] Batista, fui para [a Igreja] Universal, [fui] testemunha de Jeová. É questão de identidade, de pertencimento. Você começa a se construir para além daquilo que te contaram ou deixaram de te contar. É o conhecimento que vai expandindo a mente. Vai percebendo sua origem, de onde você vem, qual é a sua ancestralidade. A gente está onde a gente se sente bem, a gente está onde a gente consegue se conectar com Deus (informação verbal)⁸.

Acompanhando esses jovens, percebi o conflito entre eles e a comunidade católica a respeito dessa descoberta da identidade e da ancestralidade. O pertencimento à comunidade católica não foi suficiente (ou eficiente) para a construção afirmativa da identidade negra. Daí a necessidade de sair para outro espaço religioso, nesse caso o Candomblé e a Umbanda que fornecem as condições de construir a identidade negra afirmativa. Nas minhas conversas com o grupo durante o trabalho de campo do mestrado, percebi que a maioria dos que frequentam os encontros são da Umbanda e do Candomblé e que eles não medem esforços de se mostrarem, apesar do preconceito que sofrem dos velhos companheiros na fé cristã. A verdade é que eles eram líderes da juventude da igreja católica, alguns eram catequistas e ministros da Palavra. Mas com a “descoberta” da sua origem ancestral, abandonaram o catolicismo para aceitar o “chamado dos ancestrais” como eles têm me falado. Assim Samara conta a sua experiência com o Orixá:

[...] a minha saída para o Candomblé foi um chamado dos Ancestrais como o senhor também foi chamado por Deus para ser padre. Recebi um dia o convite de participar duma festa num terreiro aqui perto de casa e fui, pois faz tempo que eu mesma senti um desejo estranho em mim de assistir uma festa dessa.

⁸ Informação oferecida por Evanilson Alves em Sussuarana, em outubro de 2020.

Fui e ao longo da festa bolei. Sei lá ... Eu não tinha entendido nada daquilo que aconteceu naquele dia. Enfim, ah deixa para lá. Hoje sou de Candomblé pronto e gosto. (informação verbal)⁹

Fala também de sua passagem do catolicismo para o Candomblé dizendo:

Meu processo foi muito de aceitação. Assim como foi de aceitação de me entender, me afirmar enquanto mulher negra, minha história, meu cabelo, os meus traços. Assim também o processo de minha religião católica a passar-se da adepta ao candomblé, foi também um processo de aceitação, de ancestralidade, de continuação e do próprio legado que vovó deixou. Minha vó não estava ali especificamente dentro do terreiro no candomblé, mas era uma pessoa que respeitava. Tinha essa devoção pelos orixás dela. Tinha questão de envolvimento com caruru. Entendi a importância de continuar com isso. Cuidava dos orixás. Acho que o meu processo foi um processo de aceitação, de algo que foi meu e que vovó também deixou. O que o candomblé tem de diferente, além de sua essência e energia, é que é a religião que escolhe. Não é a gente que escolhe a religião. Eu entendo candomblé dessa forma. Eu acho que fui escolhida pelos orixás. Entendo minha religião, minha fé minha ancestralidade dentro dessa religião, me reconhecer enquanto dessa religião. Essa religião sempre foi minha, sempre me identifiquei com ela [...] (informação verbal)¹⁰.

Nesta afirmação, o conceito de ancestralidade desempenha um papel fundamental no processo de adesão à religião dos Orixás. Comecei a me perguntar se todos que adentraram no Candomblé ou na Umbanda também ouviram esse chamado dos ancestrais; ou por que o trânsito deles aconteceu dessa maneira? Aceitar o chamado dos ancestrais é a única modalidade de filiação às religiões de matriz africana de jovens negros da periferia de Salvador? A descoberta deste pertencimento religioso é, desse modo, para os (as) participantes do Sarau da Onça, o resultado de um processo de formação promovido através das partilhas das experiências vividas e da produção e recitação de poesias. Eles começaram a priorizar a construção da identidade afro e a identificação com as religiões de matriz africana como forma de resistir ao racismo e a discriminação; como consequência dessa construção adentraram no Candomblé e na Umbanda.

Entre os agentes católicos que propiciaram o trânsito entre religiões, encontra-se o padre Heitor Frisotti, cujo nome figura no espaço onde acontece o Sarau. Junto com o missionário Marie François de L'Espinais, nos anos 80, ele procurou aproximar-se do Candomblé para compreendê-lo e promover um diálogo inter-religioso. Ele afirma que o candomblé, “é um espaço de profunda cultura negra no Brasil, onde é possível encontrar

⁹ Informação adquirida por Samara em sussuarana, abril de 2021.

¹⁰ Idem

o jeito de ser, de conviver, de crer, de rezar do negro” (FRISOTTI, 1988, p. 66). No seu livro *Beber no poço alheio: Religiões afro-brasileiras, caminhos de fé e libertação*, Frisotti cita o missionário que afirmava que o Candomblé era e continuaria sendo “um rito adaptado a uma cultura onde o negro pode se expressar, onde o negro não só tem um lugar. Mas tem seu lugar. Lá Deus fala através dos Orixás, ancestrais africanos escolhidos por Deus e assimilados à natureza” (idem). A esse respeito, também Capone (2004) observa que:

[...] a religião afro-brasileira é importante por várias razões: ela contribui para unificar a “etnia”; desempenha papel revolucionário ao opor seus próprios valores aos da religião dos brancos; permite ao negro reatar com seu passado, uma vez que soube preservar seus mitos e seus heróis; é uma das principais fontes de inspiração para os projetos políticos do movimento negro. (CAPONE, 2004, p. 314)

Desse modo, conforme destacam Camurça e Tavares (2004), os jovens, a partir das aprendizagens no Sarau e “de contextos socioculturais disponíveis, elaboram classificações singulares de crenças e religiosidades que, mesmo provisoriamente, lhes fornecem identidades” (TAVARES e CAMURÇA, 2004, p. 28). Quando pertenciam à comunidade católica, procuravam dançar ao som do atabaque durante as missas. Nessas danças, encontram-se referentes africanos que acionam a ancestralidade (MELLO, 2002, p. 141). No entanto, esse processo não parece mais “caber” dentro da experiência religiosa do catolicismo – é preciso transformar-se em outras identidades étnico-religiosas.

Conclusão

O Candomblé e a Umbanda constituem hoje as principais religiões de matriz africana no Brasil. O Candomblé cultua as divindades de origem africana. Por ter iniciado com africanos escravizados no Brasil, essa religião está dividida em nações como congo, nagô, jeje, ketu angola... Segundo o sociólogo Reginaldo Prandi (1996, p. 66), a “Umbanda tem sido reiteradamente identificada como sendo a religião brasileira por excelência, pois, formada no Brasil, ela resulta do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas”. Atualmente, essas duas religiões apresentam uma dimensão universal; abertas ao mundo. Autores(as) como Bastide (1971), Souza (1983), Frisotti (1988), Valente (1991), Sanchis (2018), Gomes (2002), Munanga (2020) trataram da questão da identidade religiosa como uma forma de resistir ao racismo que se apresenta sob diferentes formas. A identidade é o processo pelo qual um indivíduo ou um grupo se

autodefine - uma autoafirmação que se constitui na demarcação de diferenças. Segundo Munanga, (2020, p. 13), a identidade de um grupo funciona como “[...]uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entres eles, visando a conservação do grupo como identidade distinta [...]”. No processo de construção da identidade negra a partir das poesias, os jovens do Sarau foram levados a fazer uma “volta às raízes ancestrais”, onde encontraram força e vitalidade e exemplo para lidar com o racismo que oprime a vida dessa juventude. Eles procuraram reescrever a própria história à sua maneira, passando a valorizar sua identidade negra a partir de sinais diacríticos, da literatura ali produzida, e das religiões de matriz africana.

Referências

Adriane, Helen. *Laço afrocultural In SARAU DA ONÇA* (org.). **O diferencial da favela, poesias e contos de quebrada**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2017. p. 22.

ALMEIDA, márcio Nery de. **Viver a comunalidade na escola: para além das habilidades e competências do currículo escolar**. 2007. Dissertação (Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Salvador, 2007.

BORGES, Dhay. *In: JESUS, Valdeck Almeida de* (org.). **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018, p. 9.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Pallas Editora, 2005. TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. **“Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Numen, v. 7, n. 1, 2004.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, CosacNaify,

DE MELLO, Marina et al. Catolicismo negro no Brasil: Santos e Minkisi: uma reflexão sobre miscigenação cultural. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 28, p. 125-146, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77002805>. Acesso em: 30 julho 2023.

FRISOTTI, Heitor. **Beber no poço alheio: Religiões afro-brasileiras, caminhos de fé e libertação**. Salvador, 1988.

JACCOUD, Luciana (org.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_acionstrucao_igualdade_racial20anos.pdf. Acesso em 21 maio de 2019.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: companhia melhoramentos, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020a.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020b.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Novas tramas do Sagrado: Trajetórias e Multiplicidades**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões negras no Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros**. Revista usp, São Paulo (28): 64-83, Dezembro/Fevereiro 95/96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28365/30223>. Acesso em 01julho. 2024.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidades: Matrizes e matizes**. Petrópolis: Vozes, 2018.

SUSSUARANA, Sandro. Culpado. *In*: SARAU DA ONÇA (org.). **O diferencial da favela, poesias e contos de quebrada**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2017. p. 26.

TENNINA, Lucia, Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos *In*: Estudo de literatura brasileira contemporânea, Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/elbc/a/HJHwYGnS73yQG5hspxC3k8B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 julho. 2024.